

1ª edição

Gustavo Bernardo

ENTRE  
LINHAS  
COTIDIANO

# Desenho Mudo

Ilustrações: Kipper

Conforme a nova ortografia

 **Atual**  
Editora

## Série Entre Linhas

---

Editor • Henrique Félix

Assessora editorial • Jacqueline F. de Barros

Coordenadora de preparação de texto • Maria Cecília F. Vannucchi

Preparação de texto • Célia Tavares

Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.) / Renato A. Colombo Jr.

---

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • Mizue Jyo

Diagramação • Elen Coppini Camioto

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Veio Libri

Consultoria editorial • Vivina de Assis Viana

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Krause, Gustavo Bernardo Galvão

Desenho mudo / Gustavo Bernardo ; ilustrações de Kipper. — São Paulo : Atual, 2009. — (Entre Linhas: Cotidiano)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0246-0 (aluno)

1. Literatura infantojuvenil I. Kipper. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Copyright © Gustavo Bernardo Galvão Krause, 2002.

SARAIVA S.A. Livreros Editores

Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

Todos os direitos reservados.

1ª edição/9ª tiragem

2014

SAC | 0800-0117875  
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30  
www.editorasaraiva.com.br/contato

811498.001.009

Para Adriana, minha filha.

# Sumário



Prólogo 7

---

Cidade aberta 8

---

Lápis preto 11

---

Humanidade 15

---

Janela discreta 18

---

Muito prazer 23

---

O rosto 27

---

A placa 33

---

Água oxigenada 38

---

Poema 40

---

Pensamento 44

---

Pedro e Maria 47

---

Silva 52

---

O grito 56

---

Pedro 62

---

Para a lama 67

---

Maria 71

---

Pai 74

---



Máscara 76

---

Epílogo 81

---

O autor 83

---

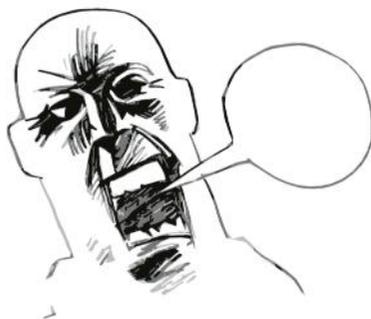
Entrevista 85

---

*Mas, pouco a pouco, o brasileiro foi percebendo  
esta verdade: – são as palavras que separam.*

Nelson Rodrigues

# Prólogo



Silêncio faz um barulho insuportável.

Quem já experimentou ligar, ao mesmo tempo, todos de uma vez, as britadeiras, os carros, as televisões, as campainhas, as geladeiras, os aparelhos de ar condicionado, os telefones (principalmente os telefones) do bairro?

Quem já experimentou desligar, ao mesmo tempo, todos de uma vez, de repente: britadeiras, carros, televisões, campainhas, geladeiras, aparelhos de ar condicionado, telefones do bairro?

Quem já teria vivido alguma vez a experiência desse *black-sound*?

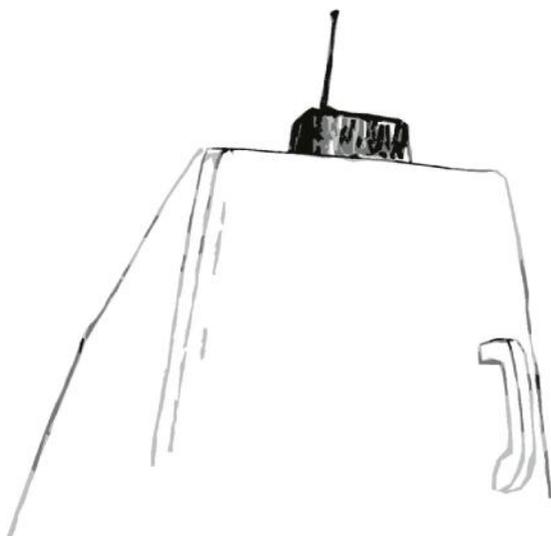
Acho que seria enlouquecedor.

Naquele momento, eu vivia algo bastante parecido. Os pardais, que não cantam, esticavam seus bicos minúsculos na direção da névoa cotidiana. Não arriscava a minha vida, mas ela passava inteirinha pela minha cabeça, como um filme em câmera lenta. Os transeuntes voltavam-se para mim, também em câmera lenta, lentamente abrindo a boca e arregalando os olhos. Só que as pessoas não pareciam pessoas, mas sim cem espelhos que me olhavam olhando-as e assim me tiravam do prumo.

Como isso aconteceu?

Vou tentar explicar, mas talvez precise começar do começo, embora não se saiba muito bem onde se localiza o começo dessas coisas. A história que vou tentar contar é silenciosa e se oferece em preto e branco, como as letras pretas neste papel branco.

# Cidade aberta



*Queixa contra gestos obscenos, senhores, que coisa feia: os pais da estudante L. M. C., 15 anos de idade, passaram maus momentos no prédio em que moram, em Copacabana. “Minha filha estava no elevador e um morador fez gestos obscenos para ela. Lorena saiu imediatamente porque ficou com medo de ser violentada”, contou na delegacia a mãe, a dona de casa M. M. C., de 39 anos de idade.*

O rádio ficava ligado, se não o dia todo, no mínimo dezesseis horas, tirando as oito horas regulamentares de sono da família. O aparelho, antigo, só pegava AM e ficava em posição de honra na cozinha, em cima da geladeira (no lugar do pinguim aposentado).

Deixavam-no em uma estação de notícias “vinte e quatro horas no ar”. O apartamento tinha televisão na sala, é claro, mas só a ligavam na hora do jornal das 8 (da noite). Os fatos falados então competiam entre si, som da cozinha e som da sala, voz do rádio e voz da tevê, às vezes até se sobrepunham, a mesma notícia com ênfases distintas.

Seguindo a lei, para proteger aquela adolescente, o locutor da rádio substituía nomes por iniciais. Entretanto, no prédio da jovem, não era difícil deduzir quem seria a Lorena de 15 anos que tinha uma mãe com nome de sigla matemática e que havia ficado sozinha com o morador tarado do elevador, este um pouco mais difícil de identificar, se sequer as suas iniciais eram apresentadas. O velho devasso do 717? O garotão marombeiro, como se diz, dono do *pit bull* e que mora com a mãe no 514?

Não se escutava música, apenas o noticiário do *Cidade alerta* – assim se chamava o programa principal, “de meia em meia hora para você saber tudo e mais um pouco do que acontece na nossa cidade”, empolgava-se, de meia em meia hora, o locutor.

*Assassino tem esquizofrenia, coitado. Assim como o assassino do Morumbi Shopping, em São Paulo, Kipland Kinel – isso é nome ou pseudônimo artístico? – também pode ter cometido seu massacre em uma crise de esquizofrenia paranoica. A conclusão é de médicos encarregados pela Justiça de avaliar o cérebro do rapaz. A neurologista Pamela Blake, da Universidade de Georgetown, comparou o cérebro do adolescente ao de outros trinta assassinos e concluiu que há um padrão eletroencefalográfico muito semelhante entre os acusados. Como vemos, tudo tem a sua explicação. Filme de hoje, às catorze horas e quinze minutos, na sessão da tarde do seu canal favorito: Instinto assassino.*

Bem, eles não falavam apenas do que acontecia na nossa cidade: o noticiário internacional, desde que relevante – esquizofrenia paranoica de um *serial killer*, por exemplo –, também era contemplado. Como vemos, e a rádio lembrou, a ciência explica a morte e a vida e ainda a vida que gera a morte. E lá vai ele de novo, agora para a Índia.

*De Nova Delhi, na Índia, nos chega a notícia de que dois homens disfarçados de mulher violentaram uma freira na favela em que ela havia ido fazer caridade. Tudo bem, eles entenderam meio errado o sentido da caridade cristã, mas por que a roupa de mu-*

*lher? Essa eu não entendi. Mas fiquemos com a previsão do tempo: a meteorologia informa que o dia será claro, ensolarado e bem quente, enquanto se aguarda a frente fria que vem do sul do país.*

As notícias que temos por aqui, parece que eles também têm por lá. O Segundo Mundo se desfez, enquanto o Terceiro e o Primeiro contam as mesmas velhas novidades do sangue, do suor e das lágrimas. Mas na verdade eu não ficava escutando rádio o dia inteiro, certamente tinha mais com que me ocupar. Nem morava naquele apartamento.

Nina morava. Nina escutava aquele rádio. Talvez seja mais correto dizer que Nina escutava além daquele rádio.

